

# Da Vendeia ao sertão: dois momentos da visão de Euclides da Cunha sobre Canudos<sup>I</sup>

Saulo Vinícius Souza Barbosa

## Resumo

Este artigo estuda a concepção de Euclides da Cunha sobre a guerra de Canudos (1896–1897) antes e depois de sua ida ao palco desse conflito. Para isso, usa como fonte o artigo *A nossa Vendeia* (1897), publicado anteriormente a sua estada no sertão baiano, e o ensaio *Os sertões* (1902), que veio a lume cinco anos após o término do combate. O exame realizado evidencia tanto continuidades como diferenças. Quanto às permanências, observa-se a presença do mesmo aporte teórico e o uso de símiles históricos. Quanto às rupturas, o estudo constata a substituição da imagem negativa do sertanejo no primeiro texto por um perfil positivo no segundo. Sobre o exército, percebe-se que essa instituição, vista inicialmente como agente civilizador n’*A nossa Vendeia*, passou a ser apresentada como criminosa n’*Os sertões*.

**Palavras-chave:** Euclides da Cunha – *Os sertões* – *A nossa Vendeia*.

---

<sup>I</sup> Este trabalho deve muito às diligentes orientações do Prof. Dr. Francisco José Alves (DHI-UFS), que, além de supervisionar sua execução, sugeriu seu tema. Fica aqui o nosso muito obrigado.

## I. Introdução

Poucos meses antes de partir para o sertão baiano, Euclides da Cunha (1866–1909) publica, sob o título de *A nossa Vendaia* (1897)<sup>2</sup>, dois artigos sobre a guerra de Canudos (1896–1897) no jornal *A Província de S. Paulo*<sup>3</sup>. Cinco anos mais tarde, terminado o episódio, publica seu mais célebre trabalho, *Os sertões* (1902), também tematizando esse conflito. Entre um trabalho e outro, há ideias divergentes, bem como tópicos em comum.

Esta pesquisa estuda a concepção do autor sobre a guerra de Canudos nesses dois momentos. Com esse propósito, compara as visões de Euclides de Cunha sobre Canudos presentes nos dois trabalhos utilizados aqui como fontes básicas. Desse modo, o exame efetuado confronta os textos levando em consideração suas similitudes e diferenças. Para isso, seleciona um conjunto de tópicos, como o aporte teórico, os recursos expressivos e as imagens dos grupos sociais envolvidos no episódio. Em seguida, observa quais desses pontos apresentam continuidades ou rupturas entre os textos aqui examinados. Por fim busca, na medida do possível, explicações para essas ocorrências.

De modo geral, este trabalho pretende ser uma contribuição pontual à história das ideias no Brasil, sobretudo da virada do séc. XIX para o séc. XX. Mais especificamente, quer somar-se aos estudos dedicados à obra euclidiana.

## II. Da Vendaia aos sertões: confrontando os dois textos

*A nossa Vendaia* e *Os sertões* representam dois momentos distintos na vida intelectual de Euclides da Cunha. Os dois trabalhos tematizam a revolta de Canudos. O primeiro é um artigo de jornal dividido em duas partes, publicadas, como vimos, às vésperas da ida do autor a Canudos. Nele, o autor analisa as causas que impediam a vitória das tropas federais sobre os rebeldes, aponta soluções e deposita sua fé resoluta no triunfo do exército. O segundo é a *magnum opus* do autor. Publicado cinco anos após sua estada no sertão baiano, consiste num

---

2 Os artigos foram publicados em 14 de março e 17 de julho de 1897, respectivamente.

3 Euclides da Cunha presenciou o fim do confronto como enviado desse jornal. Sua missão era fazer a cobertura jornalística do evento, que, à época, teve repercussão nacional. Hoje em dia, o jornal se intitula O Estado de S. Paulo.

ensaio que busca explicar o episódio de Canudos considerando as influências do meio em que se desenrolaram os eventos, das raças que constituíram o homem sertanejo e, por fim, das condições históricas da guerra. Divide-se em três capítulos: “A terra”, “O homem” e “A luta”.

\* \* \*

Examinemos os textos, começando pelas suas similitudes. *A nossa Vendaia e Os sertões* possuem alguns elementos em comum. Entre eles, o arcabouço teórico e os recursos retórico-explicativos.

A primeira semelhança é a estratégia explicativa adotada pelo autor. Nos dois casos, Euclides da Cunha se manifesta um adepto do determinismo mesológico e racial – conforme formulado pelo historiador francês Hippolyte Taine (1828–1893) – e da sociologia evolucionista do teórico polonês Ludwig von Gumplowicz (1838–1809)<sup>4</sup>.

O esquema taineano (meio, raça e momento) é um componente fundamental da obra euclidiana. Ele atravessa e estrutura ambos os textos aqui considerados. Em *A nossa Vendaia*, devido à natureza da publicação da obra, isso aparece de forma mais sutil. Entretanto, um olhar sobre sua estrutura textual revela a influência de Taine sobre Euclides da Cunha. Primeiro, o autor aqui estudado apresenta uma caracterização do meio sertanejo quanto ao seu clima e à geografia. Em seguida, tece breve comentário sobre a “sub-raça” sertaneja. A partir disso, finalmente, aborda o tema da guerra de Canudos<sup>5</sup> (CUNHA, 1966). Em *Os sertões*, esse esquema está mais do que explícito nos títulos dos capítulos: “A terra”, “O homem” e “A luta”. Além disso, há diversas referências a Taine no decorrer da obra (CUNHA, 1998).

Como já foi dito, o determinismo mesológico é um ponto em comum entre essas duas obras. Nelas, o espaço é revestido de grande importância: é muito mais que um mero cenário. Nota-se que Euclides inicia ambos os textos pelo estudo das características geográficas do sertão baiano. N’*A nossa Vendaia*, a geografia do sertão baiano é evocada, sobretudo, para justificar a demora das tropas federais em vencer os conselheiristas. Mais que esses últimos, no dizer do autor, “o solo daquelas paragens [...] é [...] o mais sério inimigo das forças

4 A propósito de uma caracterização teórica e historiográfica da obra de Euclides da Cunha, ver esclarecedor estudo de 2006 do Prof. Francisco José Alves (2006) sobre *Os sertões*.

5 Apesar disso, o historiador francês não é citado em nenhum momento dessa crônica.

republicanas” (CUNHA, 1966, p. 578). Já em *Os sertões*, o meio é, no entender do autor, um elemento formador da “sub-raça” sertaneja. Ele determina o modo de vida e a cultura dos seus habitantes (CUNHA, 1998).

O determinismo racial e o evolucionismo são outras similitudes entre os textos aqui abordados. À luz dos teóricos já citados neste trabalho, Euclides da Cunha (1998, p. 14) entende que a “força motriz da História” é o eterno embate entre as diferentes raças humanas pela sobrevivência, no qual observa-se que o “esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças fortes” garantirá a evolução da espécie. N’*A nossa Vendaia*, o autor vale-se dessas ideias para assegurar a vitória das tropas republicanas evoluídas e civilizadas sobre os bárbaros sertanejos de Canudos (CUNHA, 1966). De modo semelhante, ele vale-se desses mesmos conceitos em *Os sertões* para afirmar que o sertanejo é uma espécie condenada ao desaparecimento<sup>6</sup>.

Devido a esses traços, conforme mostra Francisco José Alves (2006), Euclides da Cunha e sua obra são legítimos representantes da historiografia e da sociologia naturalistas. Essa corrente se caracteriza por praticar a história e a sociologia tomando, como modelo epistemológico, as ciências naturais. Tal paradigma tem, por isso, feitiço nomotético – busca estabelecer e aplicar leis universais aos processos históricos – e causal, isto é, procura discernir, na realidade histórica, as causas eficientes dos fenômenos e os efeitos por eles provocados. Nessa perspectiva, não há lugar para o sujeito: os homens, ou os agentes, são meras marionetes determinadas por forças impessoais, como o meio, a raça e a evolução. Além de Euclides da Cunha, enquadram-se aqui autores como Hippolyte Taine, Ludwig von Gumplowicz, Herbert Spencer, entre outros.

Também pode-se traçar paralelos entre a primeira parte de *A nossa Vendaia* e o primeiro capítulo de *Os sertões* – “A terra”. A primeira parte do artigo contém elementos centrais do primeiro capítulo da obra posterior, como se fosse um tipo de texto embrionário. Temas como a explicação para as secas, a formação da caatinga e a sua exuberância no período de chuvas aparecem de modo muito semelhante nos dois textos. N’*A nossa Vendaia*, todavia, Euclides da Cunha é econômico, ao passo em que em “A terra” ele se utiliza de muitas nuances<sup>7</sup>.

---

6 Diz o autor, em nota preliminar a *Os sertões*: “Destinavam-se talvez à formação dos princípios imediatos de uma grande raça. Faltou-lhes, porém, uma situação de parada ou de equilíbrio, que lhes não permite mais a velocidade adquirida pela marcha dos povos nesse século. Retardatários hoje, amanhã se extinguirão de todo” (CUNHA, 1988, p. 13).

7 Isso acontece devido a à diferença entre os gêneros textuais dos dois trabalhos: *A nossa Vendaia* é um pequeno artigo de jornal, publicado coevamente aos acontecimentos, enquanto *Os sertões* é um

Examinemos isso mais de perto, iniciando pela explicação para as constantes secas do sertão brasileiro. Em *A nossa Vendeia*, o notável escritor brasileiro defende que a disposição geográfica sertaneja é a causa desse fenômeno. Para ele, falta a essa região uma cadeia de montanhas paralelas ao litoral que pudesse reter as massas de ar que passam regulamente sobre ela “impregnadas de umidade adquirida em longa travessia do Atlântico”, obrigando-as, desse modo, a condensar-se em chuva. Ora, não é outra a teoria das secas apresentada por Euclides da Cunha em *Os sertões* (CUNHA, 1966; 1998).

Em seguida, vejamos o que nos diz o autor sobre formação da caatinga nos dois textos aqui examinados. Em ambos, ele entende esse processo como resultado da interação da vegetação com o meio árido do sertão. Em *A nossa Vendeia*, Euclides da Cunha (1966, p. 575) mostra que é da “aridez característica [...] dos sertões do Norte” que surge a vegetação seca e uniforme que compõe a paisagem do sertão. N’ *Os sertões*, ele define em tons épicos esse processo como uma “luta surda” ente a flora e o meio (CUNHA, 1998).

A exuberância da flora sertaneja após as chuvas é outro conteúdo comum entre os dois textos. Para Euclides da Cunha, o sertão é um paraíso latente. Basta alguma incidência de chuva para que a vida ressurja: tudo se cobre de verde, os animais retornam à caatinga e tudo é, novamente, belo. Essa ideia aparece em ambos os trabalhos (CUNHA, 1966; 1998).

Após considerarem-se esses tópicos, não parece ser um exagero ver na primeira parte de *A nossa Vendeia* um texto seminal do primeiro capítulo de *Os sertões*.

Outra semelhança é o uso de símiles históricos como recurso retórico e explicativo. Esse artifício consiste em fazer uma equivalência entre o acontecimento que se estuda e um outro acontecimento passado. Toda *A nossa Vendeia* é um exemplo disso. Seu título faz referência à Guerra da Vendeia (1793), uma reação à Revolução Francesa protagonizada por um grupo de católicos monarquistas no extremo oeste da França (FURET, 1966). Assim, Cunha (1966) aproxima o “tabaréu fanático” ao “chouan”, como ficaram conhecidos os contrarrevolucionários da Vendeia. Os militares republicanos brasileiros, por sua vez, são assemelhados aos franceses republicanos revolucionários<sup>8</sup>. Calcando-

---

longo ensaio publicado em livro cinco anos após a Guerra de Canudos, como resultante de laboriosas pesquisas.

<sup>8</sup> O paralelo feito por Euclides da Cunha também pode ser percebido neste excerto de *A nossa Vendeia*: “A justeza do paralelo estende-se aos próprios reveses sofridos. A Revolução Francesa que se aparelhava para lutar com a Europa, quase sentiu-se impotente para combater os adversários impalpáveis da Vendeia – heróis intangíveis que se escoando céleres através das charnecas prendiam as forças

-se nesse símile, o autor garante ao leitor a vitória das tropas federais<sup>9</sup>, tal qual aconteceu na França. Em *Os sertões* esse recurso se materializa, principalmente, na comparação entre Antônio Conselheiro e Montanus, um heresiarca do cristianismo no século II. Para o autor, o líder de Canudos é a revivescência de antigos heresiarcas e suas aberrações extintas (CUNHA, 1998).

Esse recurso parte do pressuposto de que os fenômenos históricos são pautados pela necessidade, à semelhança dos fenômenos naturais. Dentro dessa concepção da história, os mesmos acontecimentos históricos e sociais podem ser reproduzidos em épocas diferentes, desde que suas causas geradoras se façam presentes. O processo histórico estaria, dentro dessa visão, submetido a leis, tal qual ocorre com os fenômenos físicos, por exemplo. Esse pensamento é característico da já mencionada historiografia naturalista, à qual Euclides da Cunha se afilia.

Os dois tópicos que acabamos de analisar pertencem, como podemos ver, às opções teóricas e metodológicas do autor. Eles dificilmente variam muito numa trajetória intelectual, menos ainda no curto intervalo de cinco anos que separa a publicação das obras aqui trabalhadas.

Visto isso, consideremos agora as diferenças entre *A nossa Vendaia* e *Os sertões*. Há, basicamente, duas distinções principais: a primeira se refere à visão de Euclides da Cunha sobre o exército republicano. A segunda, à imagem do sertanejo que aparece nas obras. No que tange ao retrato do exército apresentado pelo autor nos dois trabalhos, podemos dizer que ele vai da apologia hiperbólica ao libelo exaltado.

Em *A nossa Vendaia*, o exército aparece como um agente da inevitável civilização que irá remover o último obstáculo para a consolidação do sistema republicano no Brasil: os canudenses levantados. Nesse texto, o autor demonstra claramente seu apoio ao exército brasileiro. Os adjetivos usados para qualificá-lo são "aguerrido", "bravo", "superior". Essa apologia também se manifesta nos objetivos do artigo de 1897: ele visa, claramente, a justificar as dificuldades das tropas federais em vencer os revoltosos. Nele, o autor enumera as razões pelas quais Canudos ainda não foi derrotada e garante ao leitor que, apesar da demora, a vitória da República acontecerá (CUNHA, 1966). Assim, tal trabalho se torna um legítimo representante da onda antimonar-

---

republicanas em inextricável rede de ciladas [...] Entre nós o terreno, como vimos, sob um outro aspecto embora, presta-se aos mesmos fins." (CUNHA, 1966, p. 579).

<sup>9</sup> No dizer do próprio autor: "Este paralelo será, porém, levado às últimas consequências. A República sairá triunfante desta última prova" (CUNHA, 1966, p. 579).

quista que vigorou entre parcela da intelectualidade brasileira naqueles tempos iniciais da República Velha.

O retrato do exército n' *Os sertões*, por sua vez, é bastante diverso. Após a experiência da guerra, Euclides da Cunha define o exército como mercenário inconsciente da civilização. As ações militares, antes superiores, são agora descritas como desordenadas, desastradas, rudimentares e até covardes, visto as centenas de soldados desertores. O autor conclui, então, que os canudenses necessitavam ser educados e não exterminados. Por isso, qualifica a campanha de Canudos como um crime. Denunciá-lo é, também, uma das finalidades de *Os sertões* (CUNHA, 1998).

A representação do sertanejo também difere entre as duas obras. Na primeira, ele é fanático e ingênuo, um títere "habilmente aproveitado pelos propagandistas do Império" (CUNHA, 1966, p. 577). É, ainda, descrito como inferior, rudimentar, desbaratado. Além de tudo isso, é visto pelo autor como adversário a ser vencido, uma barreira a ser superada para a consolidação da República no Brasil. Na segunda, por outro lado, o sertanejo cai na simpatia do autor. Embora permaneça um fanático religioso, não é mais associado ao monarquismo e, assim, deixa de ser visto como inimigo da República. Certamente, o sertanejo que emerge em *Os sertões* é um atrasado, mas não um inferior. Esse sertanejo carrega consigo, como mostra o autor, todas as potencialidades não realizadas de tornar-se uma grande raça. Ganha tons épicos: é, agora, "antes de tudo, um forte" ("Hércules-Quasímodo", "Titã acobreado e potente") (CUNHA, 1998, p. 105-106). Dessa forma, Euclides da Cunha cria em *Os sertões* um conflito com seu paradigma evolucionista, na medida em que o sertanejo por ele apresentado, ao seu ver, resultante do cruzamento entre brancos e indígenas, não se mostra necessariamente inferior ao homem branco europeu<sup>10</sup>.

Essas diferenças na interpretação de Euclides da Cunha podem ser creditadas a sua experiência pessoal no palco do conflito. Lembremos que *A nossa Vendeia* foi escrita poucos meses antes da partida do autor para Canudos. Nesse texto, quem fala é o Euclides da Cunha entusiasta da República e do Exército. Aquele mesmo cadete que, em quatro de novembro de 1888, atirou sua espada aos pés do ministro da Guerra Tomás Coelho em protesto contra a Monarquia e que participou ativamente da propaganda republicana (ABL, 2007).

---

<sup>10</sup> De acordo com Walnice Nogueira Galvão (2001), as teorias do darwinismo social consideram a raça branca como a ponta do processo evolutivo. Toda mistura entre ela e outra raça resulta em degeneração. Esse conflito, no entender da autora, permanece sem solução ao longo de *Os sertões*.

Todavia, a experiência da guerra, a situação de miséria e o abandono do homem do interior certamente o fizeram transfigurar-se em paladino dos pobres da pátria. João Etienne Filho (1976) parece corroborar essa ideia quando afirma que *Os sertões* teria sido escrito de modo completamente diferente se Euclides não tivesse visto e sentido a tragédia do sertão baiano.

### III. Conclusão

Como exposto, os textos estudados neste artigo guardam semelhanças entre si. Há, em comum, a abordagem utilizada pelo autor, isto é, o determinismo mesológico e racial e o evolucionismo. Há, também, o uso do símile histórico como ferramenta explicativa e retórica. Além disso, temos o óbvio fato de ambos os trabalhos tematizarem a mesma coisa: a guerra de Canudos. Tudo isso autoriza pensar *A nossa Vendaia* como um texto embrionário de *Os sertões*.

Por outro lado, há descontinuidades entre as duas obras. Parece evidente que a presença de Euclides da Cunha no cenário do combate provocou uma drástica mudança em sua opinião. Seu apoio ao extermínio dos rebeldes conselheiristas se transformou em denúncia de um crime cometido pela República. Sua ojeriza pelo povo do sertão transmutou-se em admiração. No fim, Euclides concluiu que os sertanejos precisavam da ação civilizadora da pena, e não do extermínio cruel da baioneta.

### Referências

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). *Textos sobre a vida e obra de Euclides da Cunha*. 2007. Disponível em: <<http://www.euclidesdacunha.org.br>>. Acesso em: 10 fev. 2015.
- ALVES, Francisco José. D'os sertões como obra historiográfica. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (Org.). *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2006. p. 185-191.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões: campanha de canudos*. Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ática, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A nossa Vendaia*. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. v. 2. Rio de Janeiro: Aguiar, 1966. p. 575-582.
- ETIENNE FILHO, João (Org.). *Euclides da Cunha: trechos escolhidos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1976.



- FURET, François. A Vendéia. In: FURET, François; OZOUF, Mona. *Dicionário crítico da Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. p. 177-188.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. Euclides da Cunha: Os sertões. In: MOTA, Lourenço Dantas. *Introdução ao Brasil: um banquete nos trópicos*. v. 2. 3. ed. São Paulo: Senac, 2001. p. 151-170.



Saulo Vinícius Souza Barbosa é graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe.  
saulo.vinicius95@gmail.com